



DISCURSO E PODER: UM OLHAR SOBRE A OBRA TERRA CAÍDA, DE JOSÉ POTYGUARA

Keila Maria Silva Teixeira Oliveira

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: keila_livia@hotmail.com

Miguel Nenevé

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: mneneve@hotmail.com

Sônia Maria Gomes Sampaio

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: soniagsampaio@superig.com.br

Resumo

Esse artigo se propõe analisar a obra Terra Caída, de José Potyguara sob a ótica pós-colonialista. Por meio da observação da voz de quem detém o poder no seringal, durante o Ciclo da Borracha, que foi um período turbulento em que o estado do Acre recebeu um grande contingente de homens com o intuito de trabalharem no seringal. Estes homens eram movidos por uma profunda expectativa de mudança. Toda a questão climática e endêmica contribuiu para que a história se desenrolasse num pano de fundo de dificuldades diárias. Percebe-se a voz opressora e o silêncio do oprimido. Embora seja um romance, traça bem o perfil histórico dos trabalhadores da época, oriundos da seca no Nordeste e sedentos por mudança. Para tanto, procura-se apoio em Said (2007), Orlandi (1996) e Fanon (1979) bem como observar os discursos que permeiam todo este contexto.

Palavras-chave: Terra Caída. Discurso. Poder. Colonialismo. Seringal

Abstract

The purpose of this article is to analyze the work "Terra Caída", by José Potyguara from a postcolonial perspective. By observing the voice of those who has the power in the seringal(rubber plantation) during the rubber cycle which was a turbulent period in which the Acre state received a large amount of men whose goal was getting work at the seringal. These men were moved by a deep expectation of change in their lives. All those climate and endemic issues and the environment helped to develop a story on an atmosphere of daily difficulties. In this way, we can notice the oppressive voice having the power to silence the oppressed people.. Although it is a novel, it traces the worker's historical profile at that time resulting from the drought Northeast and thirsty for changing. Therefore, to support our argument, we use Edward Said's notions of colonialism (2007), Orlandi notion of discourse (1999) and Frantz Fanon's ideas on colonialism and decolonization (1968).

Key-words: Terra Caída; Speech; Power; Colonialism; Seringal



Introdução

É de suma importância compreender o contexto histórico em que o romance é narrado. Tudo ocorre durante o Segundo Ciclo da Borracha. Sabe-se que inúmeros nordestinos vieram para o norte em busca de melhores condições de vida para si mesmos e suas famílias. Muitos destes vieram do Ceará com a promessa de um enriquecimento concreto e de um trabalho tranquilo dentro do seringal. Aliando-se o fato de que o Nordeste passava por um período de grande seca, o jeito foi aventurar-se numa viagem que durava em torno de três meses. Alguns adoeciam durante a viagem, outros morriam e eram abandonados em barrancos.

Quando finalmente chegavam ao destino, eram distribuídos aos seringalistas como se fossem mercadorias. Então começariam a entender que não era tão simples assim o trabalho com o látex. Silva relata que “(...) no trabalho nos seringais esses homens eram submetidos a árduas tarefas de caráter explorador, madrugada afora pelos seringais em busca de leite branco (látex) que enriquecia apenas as companhias internacionais seringalistas.” (SILVA, 1998, p. 28)

O Ciclo da Borracha se deu entre o final do século XIX e início do XX. Todo esse processo tinha duas vertentes: por um lado, garantia luxo e riqueza para um pequeno grupo; por outro lado, oprimia e explorava centenas de milhares de seringueiros. Além da viagem extremamente cansativa, o trabalho árduo mata adentro, tudo isto aliado às doenças endêmicas como malária e febre amarela fizeram com que milhares de vidas fossem ceifadas nesta região de ambiente hostil.

José Potyguara traduziu em forma de romance todos os pormenores que envolviam a relação entre seringueiro e seringalista e o que de fato ocorreu durante esse período. O fato de ser nordestino, nascido em Sobral (CE) e de seus pais terem sido um dos primeiros desbravadores da região acreana contribuem bastante para a riqueza de detalhes que se percebem na obra *Terra Caída*. Obviamente o romance mescla história e ficção num enredo envolvente e curioso que prende o leitor a cada página descrita.

Ao falar do homem acreano, Potyguara revelou o ser humano como um todo e pintou-nos um dos quadros mais belos e trágicos de nossa história, em que o ser humano, duplamente resistiu aos entraves da natureza e da perversidade humana.



2 Terra Caída- Um olhar para os personagens e enredo

Terra Caída é um romance escrito por José Potyguara, publicado no ano de 1986, pela gráfica da Fundação Cultural do Estado do Acre. Considerado um romance histórico, tem como personagem central da trama Chico Bento, um nordestino que larga a seca no Ceará para trabalhar no Seringal na região amazônica, motivado pela ilusão de enriquecimento rápido, assim como todos os seringueiros que migram para o Acre durante o Ciclo da Borracha. Traz a família, sendo esposa e duas filhas. A viagem muito longa e cansativa já é um grande entrave para chegar até a região amazônica, como revela Potyguara “a chegada ao seringal marcou o início de novos sofrimentos: a fase duríssima de adaptação ao meio hostil; as doenças, as febres, as pragas de mosquito, a solidão da selva feroz e dominadora, agravando as saudades do sertão distante ” (POTYGUARA, 1998, p.12)

Ao chegar ao Acre, sua filha caçula morre em decorrência da malária, transmitida pela picada do mosquito Anopheles. Doença comum em regiões tropicais e subtropicais. A esposa Maria, sofre copiosamente a perda da filha caçula. Restam ainda a filha mais velha, Maria do Carmo. Alguns meses depois, a esposa fica grávida e posteriormente dá à luz a um menino, o que o deixa extremamente feliz. Felicidade esta que é ceifada, pois o menino morre aos nove meses vítima de um ataque de onça. Logo se vê que o saldo desta viagem não foi nada positivo para Chico Bento. Perdera dois filhos de forma cruel e em tão pouco tempo.

Em companhia de Chico Bento vieram também da Serra da Meruoca, região norte do Ceará, Policárpio, sua esposa e sua filha Rosinha, que na época tinha apenas vinte anos e deixou o seringal todo um rebuliço, em virtude de sua beleza extremamente atrativa. De acordo com Potyguara ela era “(...) linda, morena, de olhos negros cismadores, dentadura perfeita e seios empinados, a provocar a cupidez de cento e muitos seringueiros sem mulher.” (POTYGUARA, 1998, p.15)

Mulher era um artigo de luxo no seringal, se fosse atraente então como é descrita Rosinha, a situação ficava mais crítica. O fato é que Rosinha era comprometida com Nonato. Conforme relata o autor um “(...) sertanejo troncado e calado, de vinte e cinco anos, filho de outro seringueiro, o Zé Rufino, e que também veio para a companhia do pai.” (POTYGUARA, 1998, p.15)

Posteriormente, este romance se rompe e Rosinha acaba por tirar proveito de sua beleza tornando-se uma prostituta dentro do seringal, em troca de pequenos



favores. Muitos homens passam por sua cama e Rosinha acaba por ficar difamada já que homens casados ou solteiros acabam por ceder aos seus encantos de moça bonita.

Outro personagem de destaque no romance é Tomaz, um funcionário do dono do seringal temido por muitos e odiado por tantos outros por representar o patrão e deter uma voz de comando dentro desta organização:

De péssimo caráter, arrogante com os humildes, maneiroso e sabujo quando precisa agradar, Tomás é homem de confiança do patrão. Por isso, apesar de geralmente antipatizado, os seringueiros o respeitam e o temem, pois sabem quanto ele é mesquinho e perseguidor. Triste de quem cai no seu desagrado! Além disso, petulante e audacioso, é metido a conquistar e gaba-se de relações sexuais com todas as mulheres que deseja. (POTYGUARA, 1998, p.16)

Tomaz finda a história morto por Nonato, ex-noivo de Rosinha, que o esfaqueia e não dá tempo para revide. Nonato anteriormente havia matado seu próprio pai, achando se tratar de Tomaz. Ele faz uma armadilha que na verdade quem cai é o progenitor. Movido pelo ciúme e sentimento de ódio acaba por cometer dois crimes passionais no “pacato” cenário do seringal.

Antônio Monteiro, mais conhecido como Coronel Tônico, dono do seringal, casa-se em idade já avançada, com uma jovem moça da cidade, Dona Laura, com quem teve uma filha. A mesma não suporta o ambiente do Seringal e trata logo de ficar na cidade, mais precisamente em Belém (PA). Coronel Monteiro não teme em traí-la dentro da floresta, mas não suporta saber que fora traído durante muito tempo por sua esposa e seu próprio sobrinho, acarretando assim numa enfermidade irreversível ao Coronel.

Há ainda personagens secundários como, por exemplo, Laura (esposa do coronel), Paulinho (sobrinho do coronel), Elza (professora enviada para alfabetizar crianças e adolescentes dentro da floresta), Mr. Scott (uma espécie de “médico amador” dentro da mata), Zé Barbosa (funcionário postal), Conrado (guarda-livros e escrivão), dentre dezenas de personagens que compõem a trama e entrelaçam pequenos conflitos dentro de um “grande conflito”, que é a sobrevivência dentro do “inferno verde”.

3 Questões coloniais



A região amazônica sempre foi alvo de fabulosas histórias que povoavam o imaginário das pessoas. Essas histórias ganhavam mais força ainda quando se tratava de nordestinos que, fugindo da seca, viam nesta região a salvação para todo seu sofrimento, o paraíso, o alento para suas dores, conforme ressalta Silva (1998):

Desde muito tempo, existiam fabulosas histórias sobre o Eldorado: ouro, prata e pedras preciosas que existiam nas margens de um grande rio que percorre uma misteriosa floresta, de cores e riquezas inimagináveis. Essas lendas contribuíram para que aventureiros espanhóis e portugueses, nos séculos XVI e XVII, se lançassem num vasto território percorrido pelos exploradores que buscavam o Eldorado e que durante um século cruzavam a cordilheira andina em todas as direções, até a embocadura do Amazonas. (Silva, 1998, p.15).

Porém, a realidade era outra, ao chegarem à região, percebiam que não era bem do jeito que imaginavam, uma série de fatores contribuíram para que as dificuldades fossem tamanhas, dentre eles o fato de dependerem do sistema de barracão para o suprimento de suas famílias, já iniciavam o trabalho devendo muito, pois era o único jeito de se manterem dentro da mata como afirma Neto (1979):

O nordestino na Amazônia começava sempre a trabalhar endividado, pois via de regra obrigavam-no a reembolsar os gastos com a totalidade ou parte da viagem, com os instrumentos de trabalho e outras despesas de instalação. Para alimentar-se dependia do suprimento que, em regime de estrito monopólio, realizava o mesmo empresário com o qual estava endividado e que lhe comprava o produto. As grandes distâncias e a precariedade de sua situação financeira reduziam-no a um regime de servidão. Entre as longas caminhadas na floresta e a solidão das cabanas rudimentares onde habitava, esgotava-se sua vida, num isolamento que talvez nenhum outro sistema econômico haja imposto ao homem. Demais, os perigos da floresta e a insalubridade do meio encurtavam sua vida de trabalho. (NETO, 1979, p.45)

Entende-se Colonialismo como opressão política, social, racial, dentre outros. Uma imposição de pensamentos e práticas que vão sendo colocadas como verdade absoluta. Edward Said (2007) na sua obra *Orientalismo - o oriente como invenção do Ocidente*, relata como os mitos acerca do oriente foram repassados ao longo do tempo como verdade absoluta: "(...) O Oriente e o Ocidente são criados pelo homem. Assim, tanto quanto o próprio Ocidente, o Oriente é uma ideia que tem história e uma tradição de pensamento, um imaginário e um vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o Ocidente". (SAID, 2007, p.31)

Assim, podemos dizer que o processo de colonização começa na mente das pessoas, para que haja colonização, há que existir duas figuras indispensáveis: o



colonizado e o colonizador. No caso de Terra Caída, podemos observar em vários momentos a voz que comanda todo o seringal, representado então pelo Coronel Monteiro, dono do seringal, que detém a voz e o poder naquele ambiente:

- No meu seringal, quem manda sou eu. Eu só! Aqui sou delegado, juiz, rei, papa, o diabo! Ninguém se meta à besta! Quem faz a lei sou eu; e a lei, aqui é bala!

Embora um tanto exagerado, por vaidade ou por intimidar, a verdade é que, dentro do imenso seringal, ele é temido. Tudo se resolve e decide arbitrariamente, mesmo porque autoridade, de fato, só existe na sede da Comarca, distante dali quatro dias de rio abaixo. (POTYGUARA, 1998, p.23-24)

Ele é o dono, portanto, tudo deve estar de acordo com sua vontade, nem que para isso tenha que passar por cima da ética, moral e decência. E aos que vivem à mercê de suas próprias leis. De acordo com o autor, resta apenas baixar a cabeça num ato de condescendência e submissão: “Tá bem coronel. O seringal é seu: eu obedeço.” (POTYGUARA, 1998, p. 30)

Podemos apoiar-nos em Orlandi (1996) para compreender melhor essa fala de submissão do seringueiro, que simplesmente obedece e não questiona de modo algum a imposição do patrão, pois a voz de comando é dada por quem detém o poder, que nesta situação é o dono do seringal. Para Orlandi (1996):

A forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento. (ORLANDI, 1996, p.50)

Para a autora, todo o discurso está interligado em condições de produção bem como entrelaçado em outras falas que irão influenciar o discurso final de quem produz:

As condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos relação de sentidos. Segundo essa noção não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis. (ORLANDI, 1996, p.39)

Portanto, os indivíduos que estão trabalhando no seringal, juntamente com Chico Bento, são livres, pois estão lá por vontade própria, fizeram uma escolha. Porém, encontram-se presos à submissão e ao trabalho degradante. Estes não têm



voz e simplesmente executam tarefas a que estão designados fazer. Percebemos aí o assujeitamento através do silêncio da parte mais fraca, o seringueiro.

No entanto, o Coronel Monteiro não é a única voz que detém o poder lá no seringal. Tomaz é designado como “o homem de confiança do patrão” (POTYGUARA, 1998, p.16). Sua fala é de grande valia, pois ele tem autoridade para representar o chefe. Sua fala tem um peso diferente da fala de um simples trabalhador do látex. É o que Foucault chama de “ordem do discurso”:

[...] suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de processos que têm por papel exorcizar-lhe os poderes e os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, esquivar-lhe a pesada, temível materialidade. (FOUCAULT, 1972, p.12)

A seguir, temos um diálogo entre Chico Bento e Tomaz. Ocorre que Chico Bento plantou no local onde morava e Tomaz veio advertir-lhe sobre a proibição por parte do patrão de fazer agricultura numa terra que não pertencia ao seringueiro. Sabe-se que esta proibição se dá pelo simples fato de o Coronel querer temer deixar de ganhar exorbitantemente em cima do sistema de aviação que funciona dentro do seringal e que faz com que o seringalista tenha lucros abusivos sob os trabalhadores e os mesmos fiquem sempre escravizados por este comércio imoral:

Vendo os companheiros, Tomaz criou coragem para dizer: O senhor não sabe que é proibido plantar no seringal?

- Isso é verdade, Seu Bento, - interveio timidamente um dos rapazes. – O patrão num que ninguém fazendo agricultura.

- Então que diabo de terra é esta, onde nem se pode plantar uns pés de feijão? Isso é cativoiro? – Protestou Chico Bento.

- É ordem do dono da terra... – arriscou Tomaz. (POTYGUARA, 1998, p.18)

Para Orlandi (1996), o texto não se limita em acúmulo de palavras, pelo contrário, é profundo e tem uma relação com a exterioridade: “*O texto (o que se diz) não é soma de palavras, não é soma de frases, não é soma de interlocutores, e tampouco esgota-se em seu espaço fechado. Tem relação com a exterioridade, com as condições em que se produz, com outros textos*”. Portanto, o ato de falar no contexto do seringal não é fato isolado e descontextualizado. É, sobretudo, uma manifestação de poder, de demarcação de território, de autoridade. É a plena aplicação da hierarquia no ambiente seringalista.



Frantz Fanon, importante pensador da Martinica e uma das bases de apoio a teoria do pós-colonialismo, em sua obra *Os Condenados da Terra* (1979) ajuda-nos a ilustrar melhor como se dá esta relação entre colonizado e colonizador, neste caso, entre seringueiro e seringalista:

O colono e o colonizado são velhos conhecidos. E, de fato, o colono tem razão quando diz que “os” conhece. É o colono que fez e continua a fazer o colonizado. O colono tira a sua verdade, isto é, os seus bens, do sistema colonial.

A descolonização jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores sobrecarregados de inessencialidade em atores privilegiados, colhidos de modo quase grandioso pela roda-viva da história. Introduce no ser um ritmo próprio, transmitido por homens novos, uma nova linguagem, uma nova humanidade. A descolonização é na verdade, criação de homens novos. (FANON, 1979, p.26)

Potyguara descreve um pouco o trabalho de Zé Barbosa, um funcionário postal que trabalha em condições desumanas no “inferno verde”. Vale ressaltar que não apenas o que trabalha especificamente com o látex é um indivíduo colonizado pelo sistema dentro do seringal. Vários trabalhadores diretos ou indiretos sofrem com a voz opressora e com o sistema de trabalho decadente:

Quinze dias subindo até o alto Juruá e mais nove ou dez de baixada. Quando chega, de volta, mal descansa: é tempo de subir outra vez. Com miserável ordenado, sem férias nem promoção, é útil a tanta gente e ninguém se lembra de melhorar a situação do humilde funcionário postal, com dez filhos pra sustentar, remando de sol a sol, subindo e descendo rio, naqueles confins de floresta! (POTYGUARA, 1998, p.35)

Para Fanon (1979), o colono quer sempre mostrar sua superioridade frente ao mais necessitado:

O colono é um exibicionista. Sua preocupação de segurança leva-o a lembrar em alta voz ao colono que ‘o patrão aqui sou eu’. O colono alimenta a cólera do colonizado e sufoca-a. O colonizado está preso nas malhas apertadas do colonialismo. Mas vimos que no interior o colono logra apenas uma pseudopetrificação. A tensão muscular do colonizado libera-se periodicamente em explosões sanguíneas: lutas tribais, lutas de sobas, lutas entre indivíduos. (FANON, 1979, p.40)

Em um dado momento de *Terra Caída*, o patrão resolve fazer uma recessão dos produtos do barracão, devido ao fato que estava havendo uma baixa na produção de borracha. Ele começa a restringir a retirada de produtos, o que revolta muito os trabalhadores que resolvem se rebelar, exemplificando o que Fanon fala sobre as “explosões sanguíneas”:



Retomando a palavra, Zé Ambrósio continuou:

- Teodoro tá com a razão: ninguém pode continuá trabaiano nessa sovinage! Se a borracha perdeu valor a culpa não é nossa! Amanhã cedo, quando o armazém abrir, vamo fazê nossas compra. Todo mundo armado de rifle e... já sabe: se a mercadoria não vier por gosto, vem contra a vontade, mas vem!
- E se o patrão reagir? Pergunta um seringueiro.
- Pior pra ele! Responde Zé Ambrósio. A gente não quer violência, quer é mercadoria pra podê trabaiaá (...). (POTYGUARA, 1998, p. 87)

Através da ótica Colonialista, apoiamo-nos em Fanon (1979):

O colonizado está sempre atento porque, decifrando com dificuldade os múltiplos signos do mundo colonial, jamais sabe se passou ou não do limite. Diante do mundo arranjado pelo colonialista, o colonizado a todo momento se presume culpado. A culpabilidade do colonizado não é uma culpabilidade assumida, é, antes, uma espécie de maldição, de espada de Dâmocles. Ora, no mais fundo recesso de seu ser, o colonizado não reconhece nenhuma jurisdição. Está dominado, mas não domesticado. Está inferiorizado, mas não convencido de sua inferioridade. Espera pacientemente que o colono relaxe a vigilância para lhe saltar em cima. Em seus músculos, o colonizado está sempre à espera. Não se pode dizer que esteja inquieto, que esteja aterrorizado. Na realidade está sempre pronto a abandonar seu papel de caça para tomar o de caçador. O colonizado é um perseguido que sonha permanentemente em se tornar perseguidor. (FANON, 1979, p.39-40)

Considerações Finais

Ao longo deste estudo, procuramos analisar a obra Terra Caída, do escritor cearense José Potyguara. O romance retrata várias histórias que ocorrem dentro do seringal do Coronel Monteiro durante o Ciclo da Borracha. Com um olhar atento aos pormenores que norteiam as famílias, sedentas por melhores condições de vida, Potyguara desvenda as dificuldades de viver no seringal neste período. Doenças endêmicas, animais ferozes e um clima devastador contribuíram para que o interior da floresta recebesse o apelido de inferno verde.

Procuramos nos basear no discurso de poder que permeia o ambiente do seringal. Coronel Monteiro é a autoridade dentro da sua propriedade. Ele delega funções e está investido de autoridade.

O que notamos em Terra Caída é justamente esta relação de poder e subordinação entre colono e colonizado, a relação de culpabilidade, desejo de mudança e desejo também de estar no lugar do outro, exercendo domínio sobre o mais fraco, como vimos em vários momentos o personagem Tomaz que era um subordinado do Coronel Monteiro, mas que ao mesmo tempo se libertava da



subordinação para exercer a voz de comando ali na naquele ambiente hostil e nada hospitaleiro.

Partimos de Orlandi (1996) para tratar do discurso, da ideologia e das condições de poder. Podemos notar que quem fala está investido de autoridade para isso, possui uma formação discursiva e muitas vezes o sujeito é assujeitado devido ao seu poder aquisitivo e condição social bem como a fala pode impor autoridade ou revelar total subordinação.

Portanto, todos os discursos que permeiam Terra Caída, estão relacionados com as condições em que estão produzidos, dentre elas, o local (seringal), o clima amazônico (quente e úmido) as doenças tropicais, a distância dos grandes centros urbanos, quem está na condição de opressor ou colonizador (Coronel Monteiro) e o oprimido ou colonizado (os seringueiros) Tudo isso acaba por contribuir para reafirmar os poderes bem como para reforçar as diferenças sociais e econômicas que se apresentam no seringal.

O seringal descrito por Potyguara é este lugar de múltiplas histórias, onde tudo pode acontecer, inclusive nada. Vários enredos se entrelaçam com a narrativa principal que trata da luta e da sobrevivência dentro da Floresta Amazônica. Inúmeros personagens que representam o sonho de uma vida melhor, o alcance deste “eldorado” amplamente divulgado nas propagandas da época. Espera-se que essa melhora venha, que algo novo mude a realidade de pais e mães de família, grandes sonhadores que veem no seringal sua última esperança para deter a seca que já os faz muito sofredores.

No entanto, o que se tem de concreto é uma triste realidade para todos. Esperanças que se frustram em meio à árdua rotina de trabalho com extração do látex e posteriormente com a destruição do seringal e o que resta é escolher entre ficar ali vendo tudo ser destruído ou retornar para o sertão, onde o sofrimento não é menor. Chico Bento, o protagonista, escolhe retornar, já que parte da família ele já perdera nos confins da mata.

Referências

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 2ª. Ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.



FOUCAULT, M. **A história da loucura**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.

NETO, Manoel José de Miranda. **O dilema da Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1979.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.

POTYGUARA, José. **Terra caída**. 3ª Edição. Rio Branco: Fundação Cultural do Acre, 1998.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Emmanuel. **Histórias de Rondônia**. Porto Velho: Nobre & Nobre Gráfica e Editora Ltda., 1998.